

LINGUAGEM: INCOMPLETUDE, INACABAMENTO E INCONCLUSÃO EM PAULO FREIRE E DE MIKHAIL BAKHTIN

SOUZA, Ester Maria de Figueiredo - UESB - ester@uesb.br

RESUMO: Reflexões sobre as dimensões discursivas da linguagem, como espaço de inconclusão, incompletude e inacabamento do ser humano estão presentes na obra de Paulo Freire e de Mikhail Bakhtin. Esses aspectos se inscrevem como objeto de reflexão teórica desses dois autores. Em Paulo Freire, os seus escritos da trilogia das pedagogias: Pedagogia do Oprimido, Pedagogia da Esperança e Pedagogia da Autonomia enfatizam a essencialidade do diálogo, enquanto produto de interações humanas, para se humanizar o homem e a concepção de linguagem. Para o último autor, Mikhail Bakhtin, principalmente, no seu livro *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, esta é compreendida na acepção de trabalho histórico, subjetivo e processo. Este estudo aprofunda leituras de escritos Freirianos e Bakhtinianos, subsidiando-se nessas fontes teóricas os conceitos apresentados, a fim de se instaurar diálogo com esses dois autores, com a expectativa de provocar leituras do pensamento freiriano e bakhtiniano no universo da escola.

Palavras-chave: Educação. Concepção de Linguagem. Paulo Freire. Mikhail Bakhtin.

ABSTRACT: This article discusses the language's discursive dimension, as Paulo Freire and Mikhail Bakhtin shows: similar of an area of incompleteness, unfinished and inconclusion. Paulo Freire's pedagogical works - "Pedagogy of the Oppressed", "Pedagogy of Hope" and "Pedagogy of Autonomy" – emphasizes the essentialness dialogue, as a product of human interactions, to humanize man and its design of language. Mikhail Bakhtin's book "Marxism and Philosophy of Language" understood language as a historical, subjective and process construction. This article subsidizing on the theoretical concepts presented in Bakhtin and Freire's studies establish dialogue between these two authors with the expectation of provoke Freire and Bakhtin's readings on schools.

Keywords: Education. Conception of Language. Paulo Freire. Mikhail Bakhtin.

A obra de Paulo Freire é inaugural e afirmativa de uma nova pedagogia. A obra de Mikhail Bakhtin é pioneira no tratamento de linguagem enquanto produção histórica e processo interativo. Nessas produções escritas dos dois autores, as categorias têm apresentado para a pesquisa educacional, tanto nas áreas de Ciências Humanas, como a de Letras, aplicações diversas. Uma dessas aplicações é o a adoção de concepção de linguagem de cunho interacionista para investigação da práxis pedagógica. Essa comunicação define a compreensão dos termos incompletude, inconclusão e inacabamento da linguagem, postulando que é da essência da própria linguagem o seu caráter inconclusivo, inacabado e incompleto. A pessoa ao se constituir-se, compõe a própria linguagem. A linguagem constitui-se enquanto processo histórico e produto

humano. Aplicou-se os métodos de pesquisa de fontes bibliográficas para extração das aproximações teóricas entre os dois autores, enfatizando as idéias de Paulo Freire em questões didáticas e metodológicas, por parte de pesquisadores e educadores, na investigação da práxis pedagógica discursiva e reflexiva.

As abordagens teóricas acerca do trabalho com a linguagem são escritas polemizando-as com os limites de compreensões das concepções de linguagem. Dentre as diversas concepções de linguagem, a concepção de linguagem de cunho interacionista referencia-se nos estudos do materialismo histórico e confere à linguagem o *status* de trabalho, produzido como enquanto processo de interação e diálogo.

Na abordagem bakhtiniano (Bakhtin: 1986) , os conceitos de dialogia, assimetria de papéis, linguagem enquanto processo e a acepção da palavra como signo lingüístico provida de neutralidade oferece espaço de discursividade, para a apropriação desse signo como provocador e instaurador de interação. A palavra, também revelada por Paulo Freire em seus escritos, é um bem simbólico, que aproxima os homens e deve cumprir com a sua natureza dialógica, sendo apropriada de diferentes formas pelas subjetividades da pessoa. É ponte para gerar enunciações discursivas, quer polêmicas, conflituosas ou consensuais. Não se pode, então, compreendê-la como eivada de ideologias. O caráter ideológico é se presente na produção dessa palavra enquanto discurso.

Bakhtin (1986), assim, se expõe:

Mas a palavra não é somente o signo mais puro, mais indicativo, é também um signo neutro. Cada um dos sistemas de signos é específico de algum campo particular de criação ideológica. Cada domínio possui seu próprio material ideológico e formula signos e símbolos que lhe são específicos e que não são aplicáveis a outros domínios. (Bakhtin, 1986, p.36)

Na realidade, não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial. É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida. (Bakhtin, 1986, p. 95)

As idéias de Paulo Freire, particularmente as apresentadas sobre a sua concepção de homem e educação na trilogia das pedagogias do Oprimido, da Esperança e da

Autonomia reportam ao diálogo com Mikhail Bakhtin (1986), no que concerne a compreensão da linguagem como processo histórico e de interação entre os homens.

Os dois autores são referenciados em estudos que englobam reflexões sobre os saberes docentes, sobre a produção ética, estética e história do conhecimento, sobre as concepções de linguagem e ensino, enfim, em diferentes aplicações teóricas e metodológicas no campo das ciências da linguagem e da educação. São singulares na sua produção e forjados em épocas e contextos culturais distintas. Os dois, nas suas trajetórias, carregam a inventividade do espírito científico, imbricado ao fazer ético da ciência, no suporte de que o homem modifica as suas condições materiais de existência.

A sala de aula, como espaço social que tem cor, cheiro, jeitos e modos de expressão particular, que envolve diferentes culturas e subjetividades, lugar por excelência docência e o ensino, revela pontes dialógicas e intersecções entre os dois autores.

Muitos motivos justificam essa ponte discursiva entre Freire e Bakhtin. Pode-se eleger como hipótese a de que os dois autores, com produção intelectual de épocas históricas diferentes, defendem teses que se complementam e compreendem a linguagem no mesmo aporte teórico, isto é, como produção ideológica e material e concebem a incompletude humana como marca de dialogia.

Nos dois autores a dimensão de transcendência da linguagem se expõe. Ela, a linguagem, vem do passado até o presente e continua até o futuro. Pela linguagem que se realiza em tempo presente, retomam-se, pelo exercício da memória fatos passados e pelo exercício da prespectivação, possibilidades de cenários futuros. É, assim, a linguagem fenômeno presencial e atemporal, no sentido de que por ela interagimos com quem presenciamos e projetamos novas situações comunicativas.

Nos dois autores encontra-se a compreensão de que a língua é ao mesmo tempo uma produção particular e compartilhada. Particular como marca de subjetividade do sujeito, e compartilhada porque a própria produção da linguagem constitui o sujeito e é por ela constituída. Freire (1993) apresenta a sua compreensão de inconclusão humana, estabelecendo afirmações com a linguagem:

Entre nós, mulheres e homens, a inconclusão se sabe como tal. Mais ainda, a inconclusão que se reconhece a si mesma implica necessariamente a inserção do sujeito inacabado permanente processo social de busca. Historio-sócio-culturais, mulheres e homens nos tornamos seres em que curiosidade, ultrapassando os limites que lhe são peculiares no domínio vital, se torna fundamente da produção do conhecimento. Mais

ainda, a curiosidade é já conhecimento. Como a linguagem que anima a curiosidade e com ela se anima, é também conhecimento e não só expressão dele. (FREIRE,1996, p.55)

Em estudo de Souza (1996) inscreve-se a relação entre concepção de linguagem e educação, focalizando que uma atrela-se a outra, não sendo possível filiar-se a uma concepção de educação distinta da concepção de linguagem. Assim, indica-se a concepção de linguagem de cunho interacionista, tanto na obra de Freire como na de Bakhtin. Em ambos, essa é compreendida como produção material, interativa e inconclusa, necessitando da presença de um outro para se constituir enquanto diálogo. A noção de alteridade se faz presente.

Nos âmbitos da linguagem e da educação não se realizam interações dialógicas sem a simultaneidade de ocorrência das duas. Quando concepções teóricas e metodológicas são as mesmas, temos uma concepção de linguagem e uma concepção de educação que se sintonizam, são nascidas juntas e não acopladas. Os homens produzem em comunhão, se constituem enquanto seres dialógicos com a linguagem ao mesmo tempo que gesta a humanização do homem é por ele constituída. Assim essa é sempre reinvenção, acontecimento inédito, espaço propício ao diálogo.

Geraldi (1984) afirma que “uma diferente concepção de linguagem constrói não só uma nova metodologia, mas, principalmente um novo conteúdo de ensino”, (Geraldi, 1984, p.46.). Nessa compreensão, a apropriação dos conceitos de Freire e Bakhtin sobre as práticas de ensino de linguagem contribui para que se referencie o ensino de língua portuguesa na abordagem dialógica e discursiva da linguagem.

No plano da incompletude humana, depreende-se da análise realizada que os dois autores conferem ao homem atuação sobre a linguagem e sobre o outro. A educação, também, é uma relação com o outro. É constituída na dialogicidade. Não se postula educar de forma unilateral. Freire (1981) já denunciava a Concepção Bancária da Educação e propunha uma crítica à reprodução dos discursos hegemônicos na sala de aula. O que medeia o fazer educativo na perspectiva dialógica é a linguagem em sua matriz histórica. Por ela - a linguagem - o processo educativo se constitui. Por ele - o processo histórico - a linguagem se presentifica.

O homem estabelece com a linguagem uma relação de cumplicidade, de síntese histórica. A linguagem significa, pois tem um sentido que visa ao outro. Conseqüentemente, a linguagem pressupõe um jogo de trocas, de produção de

enunciados. É na exigência, na da presença do EU e do OUTRO que a linguagem se apresenta como forma de interação.

Para Bakhtin, a linguagem é uma produção social e histórica e, por isso mesmo, ideológica. É o enunciado, na sua realização em situações de comunicação que constitui a unidade de análise da língua. Nesse ponto, opõe-se aos estudos saussurianos, pois se recusa em separar o individual do coletivo, enquanto Saussure (1995) considera a fala como fenômeno individual e o sistema lingüístico como fenômeno social, como dois pólos opostos. Essa dicotomia não se apresenta no pensamento de Bakhtin. “O sentido da palavra é totalmente determinado por seu contexto. De fato, há tantas significações possíveis quantos contextos possíveis.” (Bakhtin 1986, p.106)

Ainda em suas considerações sobre a palavra, enquanto ponte entre interlocutores, Bakhtin argumenta:

Na realidade, toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. Toda palavra serve de expressão de *um* em relação ao *outro*. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isso é, em última análise, em relação a uma coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apóia sobre mim numa extremidade, na outra apóia-se sobre o meu interlocutor. A palavra é território comum do locutor e do interlocutor. (Bakhtin, 1986, p. 113)

Para Bakhtin (1986) o ser humano é um ser discursivo, que se gesta em cenários discursivos, e não em situações de fala. Esse ser discursivo se constitui ouvindo os discursos de outrem. Assim, o discurso é fronteiro entre o que me é particular e entre aquilo que assimilo e incorporo do discurso do outro. Instaura-se o conceito de dialogismo. Paulo Freire inscreve o ser dialógico na sua teoria. Aqui é necessário não identificar a compreensão de dialogia freiriana com o dialogismo bakhtiniano.

Tanto Freire como Bakhtin moldam o discurso na abordagem dialética e no caráter ideológico da linguagem. Bakhtin afirma que não é a linguagem que define a consciência, mas é a consciência que molda a linguagem.

Seleciona-se como centralidade a linguagem e as suas marcas de inconclusão, incompletude e inacabamento, nas suas realizações. Para Freire, ensinar exige consciência do inacabamento, (FREIRE, 1996, p.55). Para Bakhtin, a linguagem é neutra. E a vida é dialógica: “na vida agimos assim, julgando-nos do ponto de vista dos outros, tentando compreender, levar em conta o que é transcendente à nossa própria

consciência: assim levamos em conta o valor conferido ao nosso aspecto em função da impressão que ele pode causar em outrem (...)” (Bakhtin 1986)

Paulo Freire e Mikhail Bakhtin concebem a linguagem como essencialmente ideológica e dialógica. A concepção de linguagem filia-se a compreensão como processo interativo, produção histórica e marcada de subjetividades. O princípio fundador da vida é a interação, que ocorre tanto no plano do particular, sem a visibilidade do outro, como no plano de coletivos. Assim, ao produzir linguagem, o homem produz a si mesmo e é por ela produzido. Daí o caráter de inconclusão se materializa: a consciência de um depende da relação entre sujeitos e é construída na interpretação dos enunciados. Na verdade, somos seres inacabados e inconclusos. É pretensão concebermo-nos inteiros. Somos sempre parte de mais um. Onde se presentifica o homem, revela-se a vida e a sua incompletude.

Ainda Freire (1996) pontua sobre a dimensão do inacabamento do homem.

Aqui chegamos ao ponto de que devêssemos ter partido. O do inacabamento do ser humano. Na verdade, o inacabamento do ser ou a sua inconclusão é próprio da experiência vital. Onde há vida, há inacabamento. Mas só entre mulheres e homens o inacabamento se tornou consciente. (Freire, 1996, p.50).

A noção de sujeito é tratada pelos dois autores. Para Bakhtin (1986) o sujeito é sempre considerado alojado/imbricado em seu meio social, sendo permeado e constituído pelos discursos que o circundam. Nesse autor a conceito de hibridização se apresenta. Cada sujeito é um híbrido, uma arena de conflito e confrontação dos vários discursos que o constituem. Esses discursos são jogos de poder que visam exercer hegemonias. Para Paulo Freire a inserção do homem na história implica na sua assunção como sujeito que faz e refaz o mundo, que modifica as suas condições de existência, sendo um ser dialógico e crítico. A ação do homem sobre o mundo marca o próprio homem.

Assim, as expressões nos dois autores concernentes ao objeto estudado vão se desdobrando. Em ambos, a linguagem é compreendida a partir de sua natureza sócio-histórica e ideológica. Freire (1996) expõe que ensinar exige o reconhecimento de que a educação é ideológica:

Saber igualmente fundamental à prática educativa do professor ou da professora é o que diz respeito à força, à vezes maior do

que pensamos, da ideologia.É o que nos adverte de suas manhas, das armadilhas em que nos faz cair.É que a ideologia tem que ver diretamente com a ocultação da verdade dos fatos, com o uso da linguagem para penumbrar ou opacizar a realidade ao mesmo tempo em que nos torna “míopes”. (FREIRE, 1996, p.125)

Tanto Paulo Freire, como Mikhail Bakhtin expõem a necessidade do pesquisador se apropriar do referencial materialista da linguagem, da abordagem marxista na interpretação dos fenômenos da linguagem e da educação. O primeiro centra-se no âmbito da linguagem. O segundo é nosso conhecido mais na área educacional. Entretanto, não se reduzem as suas contribuições nesses dois campos de saber: as ciências da educação e da linguagem. A cada tempo histórico, novas inserções desses teóricos são descobertas, favorecendo a construção de um pensamento dialógico entre ciência, filosofia e educação.

Assim, é nesse exercício de diálogo da experiência pessoal com a obra de Paulo Freire e Mikhail Bakhtin que assenta-se esse texto. Esses dois pensadores têm orientado e guiado incursões científicas no âmbito das ciências da linguagem e da educação. Nesse diálogo reafirma-se a atualidade das idéias professadas pelos dois, no que se refere à urgente e necessária problemática de se ressignificar a sala de aula. Particularizo essa abordagem para a aula de português, por compreendê-la como espaço discursivo e dialógico de produção de alteridades.

A adoção dos pressupostos bakhtinianos e freirianos tem repercutido na compreensão de uma metodologia de ensino discursiva. Para essa metodologia confluem a apropriação da noção dialogismo, de alteridade, de consciência material e produção socio-histórica da linguagem, quando do planejamento didático.

Necessária a afirmação de que essas prévias conclusões são inconclusas. São apenas indícios e extratos do pensamento bakhtiniano e freiriano, situando-os espaço-temporalmente, marcando-se o contexto histórico de sua produção e, quando possível, as suposições dos cenários enunciativos da obra. Que sejam entendidas como convite para provocações dialógicas, abertura de trilhas para o estudo das obras em questão. Os caminhos ainda são vários e uma pedra suporta a ponte: as palavras de Freire e Bakhtin que ressoam no meu (nosso) discurso e são atravessadas por mais um caminhante: Ítalo Calvino (1991).

Marco Polo descreve uma ponte, pedra por pedra.

- *Mas qual é a pedra que sustenta a ponte? - pergunta Kublai Khan.*

- *A ponte não é sustentada por esta ou aquela pedra - responde Marco -, mas pela curva do arco que estas formam.*

Kublai Khan permanece em silêncio, refletindo. Depois acrescenta:

- *Por que falar das pedras? Só o arco me interessa.*

Polo responde:

- *Sem pedras o arco não existe.*

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 2^a.ed. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi, São Paulo: Hucitec, 1986.

CALVINO, I. *Seis Propostas para o próximo milênio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991

FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. 9^a.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

FREIRE, P. *Pedagogia da esperança: Um reencontro com a pedagogia o oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GERALDI, J. W. (Org) *O Texto na Sala de Aula*, 2^a.ed. Cascavel/PR: Assoeste, 1984.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Lingüística Geral*. Editora Cultrix. 1995.

SOUZA. E. M. F. *Sala de aula: Práticas discursivas no cotidiano*. Dissertação de Mestrado. UFBA/FACED, 1996.

REZENDE, T. Educação e Sociedade: O ensino de línguas. *Didática*, N° 28, São Paulo: UNESP, 1992.